

DOCENTES E SEXUALIDADE: EDUCAR OU DESE EDUCAR?

TEACHERS AND SEXUALITY: TO EDUCATE OR UNEDUCATE?

Entrevistada: Sônia Maria Martins de Melo

Entrevistadores: William Roslindo Paranhos, Raphael de Andrade Ribeiro e Isabel Ceccon lantas

Há uma lógica que defende: somente a educação é que pode salvar o mundo. Tal dito não é novo, ao contrário, há décadas reafirmamos essa possibilidade. Em tempos sombrios, como estes em que vivemos, a afirmativa parece ser cada vez mais utópica. Se está nas mãos da sociedade organizada promover um levante na direção de um viver livre e equânime, está nas mãos de tantas pessoas trabalhadoras da educação fazê-lo por meio deste campo. O papel do docente é o da promoção da liberdade, já nos disse Paulo Freire. Contudo, devemos reconhecer que essa não é a premissa de tantas trabalhadoras e trabalhadores, em decorrência de uma estruturação social que necessita da manutenção das regulações, normalizações e opressões. Como viver, então, o sonho freiriano, se no exercício de suas funções tantas docentes reforçam os estigmas e opressões? Devemos falar em uma educação ou de uma “deseducação” de professoras e professores, para que possamos nos livrar dos padrões que nos prendem?

Essas são as principais provocações que permearam esta entrevista. Na tentativa de refletir sobre as mesmas, a COR LGBTQIA+ convidou a Professora Sônia Maria Martins de Melo, pedagoga, mestra e doutora em educação, professora voluntária no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, líder do Grupo , de Pesquisa EDUSEX - Formação de Educadores e Educação Sexual (CNPq/UNEDUC), pesquisadora junto ao Círculo de Pesquisa em Educação Sexual e Sexualidade - CiPESS (CNPq/UDEL), do Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX (CNPq/UNESP/Araraquara) e vice-coordenadora do LabTEIAS - Entrelaçando saberes e fazeres em educação sexual emancipatória.

COR LGBTQIA+: Professora, sua formação é voltada à educação e à docência. Em qual momento e por que seu enfoque se volta à sexualidade e à educação sexual?

Sônia Maria Martins de Melo: Sou professora primária de formação numa Escola Normal Secundária , com licenciatura em pedagogia e mestrado e doutorado em educação, sendo que trabalhei desde os meus 17 anos em salas de aula de todos os níveis do ensino, onde

percebi, a princípio calcada no senso comum e num profundo amor pelas crianças e jovens dos quais fui professora, a importância do respeito político-pedagógico à dimensão da sexualidade, inseparável do existir humano. Com o passar dos anos aprofundei essa descoberta com muitos estudos, juntando-me a um grupo de educadores e educadoras já na FAED-UDESC, onde desde 1991 sou docente efetiva no Departamento de Pedagogia. Formamos então o NES, Núcleo de Estudos da Sexualidade, semente do atual Grupo EDUSEX Formação de educadores e educação sexual, para via pesquisa, ensino e extensão, contribuirmos com o resgate da plenitude do ser humano, aí incluída a dimensão sexualidade, nos nossos currículos e em nossas práticas pedagógicas de formação de nossos discentes. Aproximamo-nos no grupo por trabalharmos compreendendo o mundo calcados nas categorias do materialismo- histórico dialético, trazendo como um dos eixos de nossos saberes e fazeres em educação sexual ser a mesma compreendida como parte inseparável do processo educativo formal (e também do não formal). É como nos aponta Paulo Freire quando registra que ninguém educa ninguém, o ser humano se educa nas relações com o outro, mediatizados pelo mundo. E nosso grupo acrescentou em sua caminhada a constatação de que, sendo esse ser humano inseparável de sua sexualidade, essas relações sempre educadoras são sempre sexuadas. Portanto, saibamos ou não, queiramos ou não, também somos todos educadores e educadoras sexuais uns dos outros. E assim estamos caminhando até hoje, há mais de 30 anos, buscando sensibilizar intencionalmente as pessoas sobre esta nossa verdade provisória, para subsidiar a vivência de processos intencionais de educação sexual numa perspectiva emancipatória, enfrentando um poderoso currículo oculto repressor e perverso sobre a dimensão sexualidade, dentre outras categorias que reprime e desqualifica, dentre elas a da riqueza da diversidade humana. Currículo este definido por aqueles que detêm os meios de produção neste modo desumano de produção de vida que é o capitalismo. Currículo este tão oculto que, muitas vezes, faz muita gente até bem informada dizer que não existe educação sexual nas escolas. Sempre existe, mesmo que seja expressa pelo negar que existe num modelo padrão hegemônico, perversamente naturalizado, dito normal, sem que se questione quem determinou este normal e assim por diante. Desta caminhada individual-coletiva é que vem meu enfoque na educação sexual em processos de formação regular e ou continuada de profissionais da educação.

COR LGBTQIA+: Encontramos em inúmeras publicações a indicação de que se faz necessário o desenvolvimento de ações específicas que possibilitem a abordagem da temática da sexualidade na escola. No entanto, também percebemos que há uma escassez de materiais que trazem indicações concretas. Primeiramente, gostaríamos de saber se a senhora concorda com tal cenário e, em caso positivo, por qual razão a senhora acredita que se abre

essa lacuna?

Sônia Maria Martins de Melo: Entendo que estamos falando da necessidade do desenvolvimento de ações específicas que possibilitem a abordagem intencional numa perspectiva emancipatória, já que, como registrei na resposta anterior, compreendemos que sempre existe no cotidiano das relações humanas sexuadas, portanto na escola também, ações específicas, sobre a temática, intencionais ou não, conscientes ou não. No nosso entendimento hoje neste cotidiano preponderam abordagens repressoras, redutoras e negacionistas sobre a dimensão humana da sexualidade e suas interfaces na educação. Esse processo repressor resulta na exacerbação dos preconceitos contra quem não se enquadra nos padrões ditos normais, instituídos e expressos num modelo de produção que, pela sua lógica perversa, nega os direitos sexuais como inseparáveis dos direitos humanos. Portanto, concordamos que continua necessário e continuará por algum tempo ainda, o desenvolvimento de ações específicas que possibilitem a abordagem intencional numa perspectiva emancipatória da temática da sexualidade na escola. Mas já vislumbramos, “esperançando”, do verbo paulofreiriano esperar, possibilidades de mudança.

Por já estar com 73 anos e ter vistos muitos avanços e recuos político-pedagógicos na nossa área, penso diferente sobre existirem hoje lacunas e escassez de materiais que trazem indicações concretas sobre as várias nuances da sexualidade e da educação sexual numa abordagem emancipatória. Aqui mesmo em solo catarinense e em nossas parcerias com grupos nacionais e internacionais, temos encontrado excelentes materiais nesta abordagem, produzidos inclusive em várias ferramentas midiáticas, assim como muitos são os grupos que vem desenvolvendo e executando várias metodologias, na busca de transformação do que está posto. Nossa pós-graduação catarinense e também a brasileira, destacando nelas a parcela daquelas gestadas e mantidas por grupos de pesquisa comprometidos com os direitos sexuais como direitos humanos, em suas várias expressões, têm produzido excelentes dissertações e teses com conhecimentos que diagnosticam cenários, bem como saberes e fazeres que nos ajudam a avançar em nossas práticas, ao mesmo tempo que mostram que somos muitos, mesmo nestes tempos de “retorno” à Idade Média...

COR LGBTQIA+: Em seu artigo *A Importância do Pensamento Crítico em Inovações Curriculares: interface com a educação sexual emancipatória*, escrito ao lado de Yalin Yared e Rui Vieira, alguns questionamentos são apontados: “[Pessoas docentes] [v]ivenciam processos de transformação paradigmática em si e em suas práticas didático-pedagógicas? E como interagem com a temática da sexualidade?” (YARED; MELO; VIEIRA, 2020, p.3). Gostaríamos que a senhora falasse um pouco sobre sua visão a respeito de tais questionamentos.

Sônia Maria Martins de Melo: Partimos da compreensão de que todas as pessoas, nas relações educativas mediadoras que estabelecem entre si, sempre sexuadas, no mundo, ao

produzirem suas vidas, produzem o conhecimento e as culturas. Paralelo isto, dessas relações, resulta individualmente, que cada qual tem, mesmo que não saiba, uma visão de mundo, provisória, ou seja, suas teses sobre tudo. Eis aí seu paradigma, mesmo que calcado no senso comum, a partir do qual vai tomando suas decisões e fazendo suas escolhas(ou não?) a partir das antíteses que encontra, ou seja, a tese do outro...

Pensadores sobre a Ciência dão nomes e registram modelos de paradigmas científicos preponderantes em determinados períodos da vida humana... Grupos de pesquisa se reúnem unidos pelo mesmo paradigma e produzem conhecimentos nesta mesma direção... Nesta abordagem, ao escrevermos o artigo citado, Rui, Yalin e eu pautamos nossas reflexões unidos num mesmo paradigma, compreendendo que seres humanos são pessoas de carne e osso, imersas num determinado tempo geográfico e histórico, produzindo todo o conhecimento nas relações educativas mediatizadas pelo mundo que estabelecem entre si. E este processo tem nele impregnado o pensamento crítico, próprio de cada ser, estimulado e vivido nestas relações. Para nós há que procurar criar espaços de sensibilização, especialmente em processos sistematizados de formação continuada, onde seja possível, por exemplo, explicitando dialogicamente contradições no cotidiano das salas de aula, oportunizar o resgate do pensamento crítico-reflexivo sobre educação sexual dos nossos profissionais da educação. Questionamos no nosso texto se há possibilidade de mudança paradigmática e por consequência, de práticas pedagógicas na direção de uma educação sexual emancipatória. Foi mais uma provocação para o diálogo, pois acreditamos sim, que há muitas possibilidades desta mudança acontecer se exercícios dialógicos pautados no pensamento crítico-reflexivo forem a base de nossos encontros de formação.

COR LGBTQIA+: Alguns de seus artigos trazem a questão do “currículo oculto” como um entrave no processo de uma educação emancipatória, sobretudo quando falamos das dissidências sexuais. Qual sua análise a respeito da questão do currículo nos dias atuais?

Sônia Maria Martins de Melo: Podemos sim afirmar que esse currículo oculto, norteado por paradigmas repressores, ainda é uma realidade, expressando-se inclusive nas profundas mudanças aparentemente “técnicas” realizadas em vários marcos legais que determinam as Bases Curriculares Nacionais no Brasil, em todos os níveis de educação. Mudanças estas que retiraram todos os marcadores de diferença que eram sinais de avanços político-pedagógicos positivos nas questões ligadas à riqueza da diversidade humana. Já adiantei em questão anterior sobre o viés negativo causado na perspectiva emancipatória sobre educação sexual ao não se trabalhá-la pedagogicamente a partir da clareza da existência deste currículo. Inclusive temos notado acontecer esta contradição em estudiosos da temática sexualidade e seus processos educativos. São pessoas que até buscam avançar na direção de propostas de educação sexual nas escolas, apontando-as como um compromisso

com a plena emancipação humana. Escrevem muitas vezes, escrevem lindas obras muito difundidas, mas as mesmas expressam a ideia de que o processo educativo sobre a temática começou e ou começa a existir no dia em que é proposto... Para nós, isto colabora, mesmo que não exista esta intenção, para que não se trabalhe a partir do conhecimento real do contexto e nele do fato concreto que a dimensão sexualidade é inseparável do existir humano e que sempre há um processo de educação sexual entre as pessoas, desde que o mundo é mundo. E isto ajuda o “time contrário”, fortalecendo um currículo oculto repressor. Mas, como dizia minha Nonna italiana: não basta boa intenção, pois de bem intencionado o inferno está cheio...

COR LGBTQIA+: Segundo Freire, o ato de ser uma pessoa docente se dá na constante reflexão sobre a prática e seu papel é atuar como uma mediadora no processo de construção de um conhecimento crítico. Sabemos que nossa constituição social é, de fato, arraigada de conceitos racialistas, machistas, etnocentristas, dicotômicos e que, dessa forma, a pessoa docente está “embebida” de todos esses pressupostos. Partindo deste cenário, podemos afirmar que todo e qualquer processo de educação sexual na escola deve iniciar por meio de uma prática de autorreflexão e desconstrução para que somente após se torne possível, e efetivo, o desenvolvimento de práticas concretas junto às pessoas alunas?

Sônia Maria Martins de Melo: Entendemos como Paulo Freire que o ato de ser uma pessoa docente se dá sim na constante reflexão sobre a prática e que o seu papel é atuar como parte importante da relação mediadora no processo de construção de um pensamento crítico.

Concordamos que nossa constituição social atual, advinda das relações entre Capital e Trabalho no modo de produção capitalista vigente, é injusta e desumana com a grande maioria da população do planeta, pois concentra a riqueza em uma porcentagem ínfima de um grupo de pessoas que desfruta 90% da riqueza produzida no mundo. Nesse modo de produção de vida os detentores do capital impõem aos demais, simples mortais, um modelo hegemônico de vida que serve muito bem a esta minoria, em todos os aspectos de suas vidas e se torna a norma para o restantes da população, sem que a mesma seja questionada, mesmo resultado no enquadramento desta maioria num estar em “anormalidade” ou em “disfunção”. A beleza e a riqueza da diversidade humana é tratada destoando do que é dito como certo, produzindo com esta abordagem todo tipo de preconceito: racialistas, machistas, etnocentristas, etc. As diferentes formas de ser e amar são tratadas como desvios, aberrações, doenças etc. Mas não vemos tanto preconceito e tantas agressões dirigidas às diferentes formas de odiar. Essas são aceitas mundialmente, senão vejamos a naturalização das guerras, como se os ataques mostrados na televisão fizessem parte de um jogo de vídeo game. A indiferença com os seres humanos fugindo de seus lares por medo e

fome, tornando-se “incômodos” refugiados, que, mesmo aos milhares, tornam-se invisíveis para o mundo. A misoginia cada vez mais ampliada contra as mulheres que morrem em grande número assassinadas em feminicídios apenas pela fato de serem mulheres. As violências e os assassinatos de pessoas que ousam ser verdadeiras ao amarem diferentemente do padrão hetero-cis-normativo, onde surge uma imensa expressão de ódio usando como pretexto para ferir ou matar o Outro o fato dele fazer parte da grande comunidade humana LGBTQIA+.

Com esta leitura de contexto sempre necessária na base de qualquer processo de formação continuada a ser estimulado, proposto e realizado com a comunidade escolar (e não por ela, ou para ela) podemos sim afirmar que todo e qualquer processo de educação sexual na escola que busque intencionalmente sensibilizar para as possibilidades de vivenciarmos uma educação sexual emancipatória pode começar por meio de projetos de construção coletiva dessa formação que privilegiem, para todos os envolvidos (inclusive para a equipe coordenadora), momentos de autorreflexão e de desafios à desconstrução do que está posto para construir juntos o novo. Esse já é um bom início de uma caminhada dos profissionais da escola ao enfrentarem o currículo oculto e a deseducação sexual que está acontecendo...

Mas há que lembrar que a vida junto ao alunado continua mesmo enquanto esse processo ocorre com os docentes e demais educadores da escola. Há que lembrar que a “deseducação” diária na sala de aula continua enquanto estivermos vivenciando outros momentos de formação: não podemos separar esses processos. Não existe o fato de ser só após essa autorreflexão e a desconstrução do que está posto que se torna possível e efetivo o desenvolvimento de práticas concretas junto às pessoas-discentes. Como o caminhar do processo de formação continuada acontece paralelo às aulas, se a formação for bem feita pedagogicamente falando, com reflexões crítico-reflexivas sobre as práticas pedagógicas que estão acontecendo no cotidiano das aulas sendo o eixo desse processo, mudanças começarão a acontecer no cotidiano e realimentarão os novos encontros. Teses, antíteses e sínteses, num lindo espiral, rumo à emancipação humana em plenitude, aí incluída a sexualidade.

COR LGBTQIA+: COR LGBTQIA+: Voltando ao seu artigo escrito com Yared e Vieira, um outro trecho traz o seguinte: “[a] maioria dos/as docentes relataram ter dificuldade para trabalhar a temática da sexualidade porque não se sentem preparados e, conseqüentemente, não conseguem conduzir discussões, ou as consideram insatisfatórias” (YARED; MELO; VIEIRA, 2020, p.11). Partindo do pressuposto de que a sexualidade é um componente humano, inerente à subjetividade e que está localizada em todas as pessoas, mesmo naquelas que se consideram assexuadas, qual sua percepção em torno da relação existente entre um

processo de não compreensão acerca da sua própria sexualidade e a dificuldade em desenvolver o tema dentro do âmbito educacional?

Sônia Maria Martins de Melo: É plenamente justificado que a maioria de nós, de várias gerações inclusive, gestados e criados neste modo de produção desumano e repressor sobre tudo que é diverso da receita do que é o “certo” e o “normal”, mesmo que aparentemente gerações mais novas já consigam avançarem e lidarem mais livremente com o tema(será?) tenhamos medo e dificuldades de trabalhar a temática da sexualidade numa nova perspectiva, pois não a conhecemos... Muitos de nós ainda temos muita dificuldade de lidar emancipatoriamente com esta questão, pois nem sabíamos, ou ainda não sabemos que já lidamos com a forma repressora dela, estando imersos nela. O problema não é se descobrir mergulhado nessas formas repressoras de ver a temática, de estar repetindo preconceitos. O verdadeiro problema é, ao ir se autoconhecendo e às possibilidades de ir por um novo caminho, permanecer no velho. A não compreensão de sua própria sexualidade justifica sim a dificuldade em desenvolver o tema, mas não para sempre, pois a busca do autoconhecimento e os reflexos dele nas práticas pedagógicas estão entrelaçados. Há que continuar a procura de novos paradigmas já modificando, mesmo que aos poucos, sua prática à luz de seus novos saberes. É possível fazer isto? Ou é utopia? Como disse Marcelo Bernardi “Utopia? Talvez. Mas para ser utopista é preciso ter coragem. Para não sê-lo basta ter medo”.

COR LGBTQIA+: Deixamos este espaço livre para que a senhora possa expressar aquilo que, porventura, tiver desejo:

Sônia Maria Martins de Melo: Grata pela oportunidade de realizarmos este diálogo com a equipe da revista e com seus leitores. Colocamo-nos à disposição para continuarmos essa troca de saberes e fazeres na busca de fortalecermos uma teia de pessoas que acreditem numa perspectiva de construirmos juntos um mundo melhor, onde, como nos lembra Boaventura de Souza Santos, temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.